

Stefan Zweig

# Novelas insólitas

Segredo ardente | Confusão de sentimentos

A coleção invisível | Júpiter | Foi ele? | Xadrez, uma novela

Tradução:

Kristina Michahelles

Maria Aparecida Barbosa

Murilo Jardelino

Copyright dos textos adicionais © 2015, Alberto Dines

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Laís Kalka | Revisão: Carolina Sampaio, Isadora Torres

Capa: Claudia Warrak, Raul Loureiro | Imagem da capa: Theo van Doesburg (1883-1951),

*Composição aritmética*. Felix Witzinger, Suíça/Kreidgeman images

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Zweig, Stefan, 1881-1942

Z96n Novelas insólitas: Segredo ardente, Confusão de sentimentos, A coleção inviável, Júpiter, Foi ele?, Xadrez, uma novela/Stefan Zweig; Tradução: Kristina Michahelles, Maria Aparecida Barbosa, Murilo Jardelino. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

(Stefan Zweig na Zahar)

Tradução de: Brennendes Geheimnis, Verwirrung der Gefühle, Die unsichtbare Sammlung, Jupiter, War er es?, Schachnovelle

ISBN 978-85-378-1473-4

1. Novela austríaca. I. Michahelles, Kristina. II. Barbosa, Maria Aparecida. III. Jardelino, Murilo. IV. Título. V. Série.

## Préfacio

### Um sereno colecionador de desesperos

ALBERTO DINES

“COM PENSAMENTOS NOVOS fazemos versos antigos”, escreveu um amigo do poeta Hugo von Hofmannsthal, considerado o expoente do grupo Jung-Wien.\* Essa Viena Jovem reunia os mais celebrados talentos literários e transformou a capital austro-húngara no vulcão conhecido como “O Alegre Apocalipse”. Além de Hofmannsthal fazem parte da confraria, entre outros, Arthur Schnitzler, Richard Beer-Hofmann, Hermann Bahr, Felix Salten, Peter Altenberg, Karl Kraus (inicialmente). Nesse *fin-de-siècle* (1890), reúnem-se diariamente no Café Griensteidl e, mais tarde, enquanto o prédio é reconstruído, no quase vizinho Café Central.\*\*

Em Viena, o rótulo *Die Junge*, os jovens, serve indistintamente a todos os rebeldes, inconformados, insubmissos e questionadores – primeiro na política, depois na moral, nos costumes, em seguida na estética. O mais jovem desses então jovens talentos é Stefan Zweig.\*\*\* Ouve os mestres com devoção, impregna-se com os novos horizontes que descortinam, arrebatase com suas pretensões, assume seus desesperos, audácias e também a agradável sensação de continuidade que mais tarde consagrou como “dourada era da segurança”.

---

\* Citado por Carl E. Schorske, *Fin-de-siècle Vienna*, Nova York, Vintage Books, 1980, p.220.

\*\* Enquanto esteve exilado em Viena (1911-14), Leon Trótski frequentou o Café Central nas noites de sábado, discutindo com os líderes do austromarxismo Otto Bauer e Max Adler e, principalmente, com o amigo psicanalista Alfred Adler, um dos principais pupilos de Sigmund Freud e o mais politizado dos patriarcas da psicanálise. Sob influência de Trótski, Adler foi o primeiro a tentar uma síntese de Marx com Freud (William M. Johnston, *The Austrian Mind*, Berkeley, 1972).

\*\*\* Zweig era quinze anos mais jovem do que Hofmannsthal, tinha 25 anos menos do que Beer-Hofmann e quase trinta o separavam do ídolo, Arthur Schnitzler.

*Die Junge* recusam os salões literários, preferem os cafés, ao lado de militantes de todas as causas ou mesmo sem causas. Assim foi tocada a caudalosa transição em que os novos tempos são captados com vibrações conhecidas e versos antigos. Não produzem manifestos nem proclamações, as secessões lá são mais intensas do que aparentam, porém plenamente compartilháveis.

A sôfrega Viena gosta de ser surpreendida com trepidações, alto-forno onde se processam incríveis combinações e estranhos sincretismos. O “fenômeno Klimt”, ao associar alegorias figurativas marcadamente eróticas em contextos pictóricos inesperados, é tipicamente vienense. Extravagâncias dão-se bem em Viena. É o seu toque.

A estreia de Zweig na poesia nada teve de invulgar – era talentoso, intenso, promissor e seguia os cânones. Na ficção a concorrência é maior, tenta romper as limitações impostas aos estreantes, mas em seguida à primeira tentativa se sente fracassado. A coletânea de novelas *Die Liebe der Erika Ewald* (*O amor de Erika Ewald*, 1904), publicada quando tem apenas 23 anos – menor de idade segundo a lei austríaca –, ainda aluno da universidade em Berlim, não deixa marcas. Imperdoável para quem exige tanto de si mesmo.

A narrativa que dá título ao livro fora recusada antes por outro editor, por isso trocou o anódino *Novela vienense* por algo menos convencional, e imagina que o truque seja suficiente. Percebe seu desmazelo e a pressa em colocar o ponto final, intui que para produzir algo significativo, palpitante, deve se comprometer mais intensamente com a história sobre a qual se debruça.

Reconhece tudo isso numa corajosa autocrítica em carta ao venerado Karl Emil Franzos, a quem pretendia converter em tutor. “Já queimei centenas de manuscritos sem ter modificado ou refeito uma única linha... Na realidade só publico porque isso me incita a trabalhar e sair do diletantismo.” Raramente reeditadas, mesmo nas obras completas, as novelas de estreia servem apenas como referência comparativa para o salto que dará em seguida. Sabe exatamente o que lhe falta: “Já experimentei em menor escala o que é escrever com os dentes cerrados.”\*

---

\* Carta a Karl Emil Franzos, 3 de julho de 1900. Originário da Galícia, Franzos (1848-1904) notabilizou-se pelos relatos sobre a vida dos judeus nas pequenas cidades da Áustria

Mais maduro, independente e viajado, sensibilizado pelo convívio com Freud e a psicanálise, robustecido pelos primeiros contatos com Romain Rolland, o poeta belga Verhaeren e a educadora sueca Ellen Key, sente que deixou de ser o mísero diletante. Tem traquejo, começa a criar uma personalidade literária, aprendeu a lidar com o público: o drama em versos *Tersites*, inspirado na *Odisseia* e estreado em 1907, tem como protagonista um anti-herói pérfido. Seu empenho em traduzir e apresentar o quase desconhecido Verhaeren ao público germanófono revela uma personalidade literária, estilo. Na prova oral para o doutoramento, os professores tratam-no como igual.

Além de cerrar os dentes para escrever, sabe que um texto precisa ser arrancado da alma, de preferência com dor. Esse é o Stefan Zweig que assina a segunda incursão novelística, sete anos depois: *Erstes Erlebnis: vier Geschichten aus Kinderland* (*Primeiras vivências: quatro histórias do país das crianças*, 1911), dedicadas à famosa educadora e feminista sueca Ellen Key, com quem mantém uma intensa correspondência desde a virada do século.\* Sua obra mais conhecida, *O século da criança* (1909), desvendou a vulnerabilidade da infância e impressionou-o vivamente, a ponto de lembrá-la em suas memórias onde tão poucos foram admitidos.\*\*

Das quatro narrativas “infantis”, uma destaca-se com extrema intensidade. *Segredo ardente* (*Brennendes Geheimnis*). Considerada edipiana, freudiana, autobiográfica, é, antes de tudo, zweiguiana, primeira a ostentar sua marca registrada – a espreira pelo inusitado. A colaboração frequente no *feuilleton* do importante diário *Neue Freie Presse* acabou por desenvolver em Zweig uma flexibilidade temática, em que tudo é potencialmente “li-

---

oriental. Jurista, romancista incansável, jornalista respeitado, crítico do *Neue Freie Presse*, editor e responsável pela publicação da obra completa de Georg Büchner, Franzos recusou diversos textos do jovem escritor, mas exerceu sobre ele alguma influência que a morte prematura interrompeu. Carta citada em Donald Prater, *Stefan Zweig*, Paz e Terra, 1991, p.29.

\* No Brasil o ciclo foi publicado pela Editora Guanabara com título mais comercial – Segredos de amor: quatro novelas da adolescência –, antes da primeira vinda de Zweig ao Brasil, em 1936. Logo depois foi incluído em *A corrente*, terceiro volume das Obras Completas de Stefan Zweig (1938-44), sempre traduzido por Odilon Galloti, um dos primeiros psiquiatras formados no Brasil.

\*\* *Autobiografia: o mundo de ontem*, Rio de Janeiro, Zahar, 2014, p.121-2.

terário”, apto a ser processado como literatura, mesmo que essa seja uma virtude essencialmente jornalística que, aliás, ele detesta reconhecer.\*

O faro para perceber no inusitado algo mais do que exotismo facultou-lhe o acesso a temas até então inexplorados pela ficção. Caso da inflação galopante que abalou a vida na Alemanha no início dos anos 1920, que ele enxerga além do aspecto puramente monetário: não é apenas a moeda que se desvaloriza, são as referências e padrões.

Não parece interessado em escandalizar ou chocar, não apela para recursos expressionistas. Quer apenas surpreender os leitores, despertá-los da mesmice através de enredos incômodos narrados com simplicidade em algum sossegado hotel, estância ou spa (como sugere o cineasta Wes Anderson, em *O Grande Hotel Budapeste*).\*\*

Chega com naturalidade e também forte emoção ao homossexualismo de *Confusão de sentimentos*, assunto tabu em uma de suas novelas mais celebradas. O truque de combinar desfechos diferentes para as duas histórias sobre o comportamento canino é apresentado de forma despojada, sem maneirismos.

Em 1941, trinta anos depois de *Segredo ardente*, de volta de nova viagem transatlântica, o fatigado Zweig repara no velho tabuleiro de xadrez, combina-o com as vivências recentes do navio, envolve-os com a barbárie que consome o mundo e, de um certame organizado como passatempo a bordo, faz um exercício sobre a abdicação como forma de manifestar-se. Em seguida, também abdica – de tudo.

A seleção destas novelas de Stefan Zweig, ao contrário das seletas que ele próprio organizou (inclusive a brasileira), não segue o critério cronológico. Tantas décadas depois da morte, o tempo transcorrido funciona como um editor auxiliar, sugerindo recortes e afinidades mais adequados para apresentar este sereno colecionador de singularidades e tormentos.

---

\* Sobre a contraditória relação de Zweig com o jornalismo, ver o prefácio a *O mundo insone* (Rio de Janeiro, Zahar, 2013, p.9).

\*\* *O Grande Hotel Budapeste* (*The Grand Budapest Hotel*, 2014), roteirizado e dirigido por Wes Anderson, é uma alegoria inspirada e dedicada à obra de Stefan Zweig. Hotel imaginário num país imaginário, Zubrowka, situado na Europa Central. Recebeu nove indicações para o Oscar de 2015, quatro delas confirmadas.

# Segredo ardente

## O parceiro

Com uma voz rouca, o trem soltou um grito. Destino alcançado: Semmering. Na luz prateada da montanha, os vagões negros descansaram um minuto, lançaram alguns passageiros coloridos na plataforma, tragaram outros, um vaivém de vozes agitadas; logo a máquina rouca gritou de novo, e tracionou a corrente negra, chacoalhando-a para dentro da boca do túnel montanha abaixo. Livre, com o horizonte claro, varrido pelo vento úmido, estendia-se de novo a ampla paisagem.

Um dos recém-chegados, jovem, que sobressaía de maneira simpática pelo bem vestir-se e pela elasticidade natural no andar, passou precipitadamente à frente dos outros e tomou um fiacre até o hotel. Em passos lentos, os cavalos subiam a ladeira. Ar de primavera. No céu, tremulavam as nuvens brancas, inquietas, dos meses de maio e junho, companheiras jovens e esvoaçantes, que corriam brincando pelo caminho azul, para de súbito esconderem-se atrás das altas montanhas; que se abraçavam e fugiam, amassavam-se como lenços e logo desfiavam-se em tiras, para finalmente, de travessura, postarem-se como boinas brancas nos cumes das montanhas. Inquieto também estava o vento, que balançava as árvores magras ainda úmidas da chuva de maneira tão incontrolável que elas silenciosamente estalavam suas articulações e delas se desprendiam como faíscas milhares de gotas luminosas. Às vezes, parecia também vir das montanhas um cheiro fresco de neve, e sentia-se na respiração algo suave e ardente ao mesmo tempo. Tudo no ar e na terra era movimento e fervilhante impaciência. Fungando suavemente, os cavalos avançavam

pelo caminho agora em declive, o som de suas sinetas tilintando longe, à frente deles.

No hotel, a primeira ação do jovem foi dirigir-se à lista dos hóspedes, que ele – logo desapontado – folheou. “Que estou fazendo aqui, na verdade?”, dúvida que lhe despertou uma inquietação. “Estar sozinho nas montanhas sem qualquer companhia é muito pior do que ficar no escritório. Evidentemente, cheguei cedo ou tarde demais. Eu nunca tenho sorte com minhas férias. Sequer um único nome conhecido entre todos os hóspedes. Se pelo menos estivessem aqui algumas mulheres, em último caso, um pequeno flerte inocente, para não passar esta semana tão desconsolado.” O jovem, barão da nobreza funcional austríaca, de não tão boa reputação, empregado no gabinete do governador, decidira gozar esse breve período de férias sem qualquer necessidade, apenas porque os outros colegas haviam se imposto uma semana de descanso na primavera, e ele não queria dar a sua de presente ao governo. Embora não desprovido de competência para a reflexão, era de natureza bastante social, e por isso querido entre os amigos e, como tal, bem-vindo em todos os círculos. Plenamente consciente de sua incapacidade para a solidão, não havia nele qualquer inclinação para estar consigo mesmo, evitava sempre que possível esses encontros, porque não queria de maneira alguma qualquer íntima familiaridade com sua própria pessoa. Sabia que necessitava da superfície de atrito com as pessoas para acender todo seu talento, o calor e a alegria de seu coração, e sentia-se, quando sozinho, inerte e ocioso como um palito em uma caixa de fósforos.

Amuado, andava de um lado para outro no saguão vazio, ora indeciso folheando os jornais, ora dedilhando uma valsa no piano do salão de música, sem conseguir, contudo, que o ritmo lhe tomasse as mãos. Por fim, sentou-se aborrecido e pôs-se a observar como lá fora a escuridão caía lentamente, como a neblina, sob a forma de vapor cinzento, irrompia dos pinheiros. Nervoso, permaneceu ali por uma hora, sentindo-se um inútil. Em seguida, refugiou-se no restaurante.

Apenas algumas mesas estavam ocupadas. Com um olhar apressado, observou todas. Em vão! Nenhum conhecido. Em um canto, apenas – com



indiferença, retribuiu uma saudação –, um instrutor; do outro lado, um rosto das ruas de Viena, e ninguém mais. Nenhuma mulher, nada que promettesse uma aventura ainda que efêmera. Seu mau humor piorou. Ele era um daqueles jovens cujas faces bonitas lhes favorecem, do tipo de homens sempre dispostos a um novo encontro, a uma nova experiência, sempre ansiosos por se precipitarem nos imprevistos de uma aventura, do tipo que nada os surpreende porque já calcularam tudo com antecedência, que não ignoram nenhum aspecto do erótico porque já captam ao primeiro olhar a sensualidade de toda mulher, seja ela a esposa de seu amigo ou a empregada que abre a porta que a ela conduz. Quando se designa essas pessoas com certo desprezo leviano como “caçadores de mulheres”, percebe-se, sem tanta consciência, o quanto de verdade empírica introjeta-se nas palavras, porque, de fato, todos os instintos que geram a paixão pela caça, o seguir as pistas, a excitação e a astúcia cruel vibram na vigília sempre inquieta desses homens. Estão constantemente à espera, sempre prontos e determinados a seguir o rastro de uma aventura até a beira do abismo. Estão sempre carregados de paixão, mas não a do amante, e sim a do frio, calculista e perigoso jogador. Entre eles, há os persistentes, para os quais, desde a juventude e por toda a vida, essa expectativa torna-se uma aventura eterna; para os quais cada dia se dissolve em uma centena de pequenas experiências sensuais – um olhar de passagem, um meio sorriso discreto, rápido e silencioso, um roçar acidental de joelhos – e cada ano em centenas desses dias; para os quais a experiência sensorial constitui a fonte que flui eternamente, nutrindo e aquecendo suas vidas.

Ali não havia parceiros com quem jogar, detectou imediatamente o olhar experiente do barão. E nenhuma irritação pode ser mais desesperante que a do jogador que se senta à mesa verde com cartas na mão e, consciente de sua superioridade, espera em vão pelo parceiro. O barão pediu um jornal. Com o rosto bem aborrecido, deixou o olhar correr sobre as linhas, mas seus pensamentos estavam paralisados e tropeçavam nas palavras como se estivessem bêbados.

De súbito, ouviu atrás de si um vestido frufrolhar e uma voz um pouco desagradável e com um sotaque afetado dizer:

– *Mais tais-toi donc, Edgar!*

Por sua mesa passou uma figura alta e exuberante, crepitando um vestido de seda, e atrás dela, em um terno preto de veludo, um menino pequeno e pálido, que o olhou com curiosidade. Sentaram-se em frente, à mesa reservada, a criança fazendo esforços visíveis para se comportar de maneira polida, o que contrariava a agitação em seus negros olhos. A senhora – e só para ela tinha olhos o jovem barão – estava muito arrumada e vestida com evidente elegância, um tipo, além disso, que ele adorava, uma daquelas judias ricas, levemente voluptuosa, com idade um pouco anterior à maturidade, também obviamente passional, mas experiente em esconder seu temperamento atrás de uma nobre melancolia. Evitou encará-la num primeiro momento, admirou apenas a beleza do desenho de suas sobrance-lhas, sobre um nariz delicadamente arredondado, que, embora denunciasse sua origem, deixava-lhe, pela forma nobre, o perfil nítido e interessante. Os cabelos eram, como tudo o que era feminino naquele corpo elegante, de uma opulência impressionante; sua beleza, segura na consciência de ser alvo de admiração, parecia ter se tornado farta e ostensiva. Fez o pedido num tom muito baixo, repreendeu o menino, que brincava com o garfo – tudo isso com uma aparente indiferença para com os olhares cuidadosos do barão, que parecia não ter notado, quando, na verdade, era a viva atenção daquele olhar que a obrigava a tomar cuidados redobrados.

De súbito, um brilho de alegria iluminou a face sombria do barão; tocado em seus recônditos mais profundos, os nervos excitaram-se, as rugas estenderam-se, os músculos contraíram-se, de maneira que sua figura endireitou-se, e os olhos brilharam. Ele próprio não era dessemelhante às mulheres, que precisam da presença de um homem para externalizar todo o seu vigor. Em seu caso, um simples apelo sensual já elevava sua energia à potência máxima. Sua natureza de caçador pressentiu uma presa. De maneira provocativa, esforçou-se para que seu olhar encontrasse o dela, que às vezes cruzava o dele com aquela cintilante indefinição de quem não quer ver, sem nunca oferecer francamente uma resposta clara. Nos lábios, também acreditava ver em alguns momentos vestígios de sorrisos incipientes, mas tudo era incerto, e era justo essa incerteza que o excitava.

A única coisa que lhe parecia promissora era aquele esgueirar contínuo dos olhos, porque era resistência e timidez ao mesmo tempo, além da estranha e cuidadosa maneira de conversar com a criança, claramente direcionada a um espectador. Ele sentiu que a tentativa de manter a calma forçada e superficial significava um primeiro momento de perturbação. Também ele estava em desassossego: o jogo havia começado. Prolongou seu jantar, perseverou e ficou a observar incessantemente aquela mulher por quase meia hora, até traçar cada linha de seu rosto, tocar de maneira invisível cada parte de seu exuberante corpo. Do lado de fora, uma noite densa começava a cair, os bosques afundavam em medo infantil, agora que as nuvens carregadas de chuva estendiam as mãos cinzentas sobre elas; cada vez mais escuras, as sombras invadiam o salão, cada vez mais e mais o silêncio parecia oprimir as pessoas. Sob a ameaça daquele silêncio, a conversa da mãe com a criança, ele percebeu, ficara cada vez mais artificial, de maneira que, breve, chegaria ao fim. Então, resolveu fazer uma experiência. Levantou-se primeiro, antes dos dois, caminhou devagar até a porta, olhando prolongadamente para a paisagem, fingindo não a ver. De súbito, voltou-se para trás, como se tivesse esquecido algo. E a surpreendeu, acompanhando-o com um olhar muito vivo.

Isso o estimulou. Decidiu esperá-la no saguão. Ela veio logo em seguida, segurando a mão do garoto, folheou algumas revistas por um instante e mostrou à criança algumas fotos. Mas, quando o barão, como que por acidente, foi até a mesa como se aparentemente também procurasse uma revista, quando na verdade desejava ver de mais perto o brilho úmido de seus olhos, e talvez até mesmo iniciar uma conversa, ela se virou, bateu de leve no ombro de seu filho:

– *Viens, Edgar! Au lit!*

E passou por ele de maneira indiferente. Um pouco decepcionado, o barão a seguiu com os olhos. Contava na verdade com uma aproximação ainda naquela noite. Aquela maneira brusca o decepcionou. Contudo, nessa resistência havia um estímulo, e foi justamente a incerteza que lhe despertou o desejo. No mínimo, encontrara um parceiro, e o jogo poderia começar.

## Rápida amizade

Na manhã seguinte, quando chegou ao saguão, o barão viu a criança da bela desconhecida conversando entusiasmada com os dois ascensoristas, a quem ele mostrava imagens em um livro de Karl May. A mãe não estava lá, obviamente ainda ocupada com a toailete. Nesse momento é que o barão reparou no garoto. Era um menino tímido, raquítico, nervoso, com cerca de doze anos, movimentos descontrolados e olhos negros e impacientes. Dava a impressão, assim como muitas vezes as crianças dessa idade, de estar assustado, como se tivesse sido despertado do sono e jogado inesperadamente em um ambiente estranho. Suas feições não eram indelicadas, mas ainda bastante indefinidas, parecendo que a batalha entre o viril e o infantil acabara de começar; tudo ainda era apenas como massa de modelar a ganhar formas, nada ainda expresso em linhas claras, apenas uma mistura de palidez e inquietude. Além disso, estava exatamente naquela idade desfavorável em que as crianças nunca se encaixam em suas roupas, as mangas e as pernas das calças sobrando naquele esqueleto magro e desleixado, e em que nenhuma vaidade as exorta a cuidar de sua aparência.

O menino causava uma impressão bastante patética naquele momento, perambulando por ali indeciso. Na verdade, atrapalhava o caminho de todos. Ora era empurrado para o lado pelo porteiro, a quem ele parecia incomodar com todo tipo de perguntas, ora perturbava na entrada; evidentemente, faltava-lhe uma rede de amizades. Assim, em virtude de sua necessidade infantil de tagarelar, procurava companhia junto ao pessoal do hotel, que lhe respondia quando tinha tempo, mas que imediatamente interrompia a conversa quando um adulto aparecia ou algo necessário precisava ser feito. O barão observava, sorrindo e interessado, o infeliz garoto, que olhava para tudo com curiosidade e de quem todos escapavam de maneira hostil. Uma vez, o barão interceptou um daqueles olhares curiosos, mas os olhos negros voltaram-se imediatamente amedrontados para si mesmos, quando se perceberam observados em sua busca, mergulhando atrás das pálpebras abaixadas. O barão divertiu-se com isso. O garoto começou a interessá-lo, e ele se perguntou se o pequeno rapaz,

que ao que tudo indicava era tímido apenas por medo, não poderia servir como o mediador mais rápido para uma aproximação com a mãe. Decidiu pelo menos tentar. Discretamente, seguiu o menino, que acabara de ir em direção à porta e, em sua necessidade infantil de afeto, acariciara as narinas rosa de um cavalo branco, até que o cocheiro – ele realmente não tinha sorte – também o afastou de maneira bastante áspera. Magoado e entediado, permaneceu ali em pé com seu olhar vazio e um pouco triste. Foi nesse instante que o barão o abordou.

– Olá, meu jovem, que está achando daqui? – falou de súbito, tentando estabelecer o contato da maneira mais coloquial possível.

A criança corou e o encarou amedrontada. Apreensivo, puxou a mão para si e virou-se de alguma forma constrangido. Era a primeira vez que isso lhe ocorria: um estranho lhe dirigiu a palavra e começou a conversar com ele.

– Bom, obrigado – pôde naquele momento ainda balbuciar. A última palavra soou mais abafada do que efetivamente pronunciada.

– Fico admirado – disse o barão, rindo –, este lugar deve ser, na verdade, muito chato, especialmente para um jovem como você. Que é mesmo que você faz o dia todo?

O menino ainda estava confuso demais para responder logo. Era realmente possível que aquele estranho e elegante cavalheiro estivesse querendo conversar com ele, com quem ninguém mais se importava? Aquele pensamento o deixava tímido e orgulhoso ao mesmo tempo. Com dificuldade, ele se recompôs.

– Eu costumo ler e, além disso, fazemos muitos passeios. Às vezes, nós também andamos de carro, mamãe e eu. Eu preciso me recuperar, estava doente. Por isso preciso tomar bastante sol, disse o médico.

Proferiu as últimas palavras já bastante seguro. Crianças sentem sempre orgulho de alguma doença, porque sabem que o perigo as torna duas vezes mais importantes para suas famílias.

– Sim, o sol faz mesmo bem a jovens cavalheiros como você. E você vai ficar bem bronzeado. Mas não deveria ficar sentado o dia todo. Um sujeito como você deve correr, pular, além de fazer algumas travessuras.